

+ ECONOMIA

Marta Sfredo

marta.sfredo@zerohora.com.br
gauchazh.com/martasfredo
3218-4701

TENSÃO E CONFLITO NO AR

Entre a aparente falência da articulação do governo e novas inquietações sobre o cenário internacional, o dólar subiu 2,27%, para fechar a R\$ 3,95, maior cotação em quase seis meses. Começaram as especulações sobre quando alcançará novamente R\$ 4, como em outubro passado. A bolsa caiu 3,57%, para 91.903 pontos. O principal motivo é a aprovação de novas amarras no orçamento federal na Câmara. Essa mínima foi atingida nove dias depois de o Ibovespa ter alcançado a marca histórica de 100 mil pontos.

Investidores e especuladores viram o que mais temiam: o acirramento da crise entre o governo Bolsonaro e a Câmara, provocado por falta de articulação política e bom senso prático. Deflagrada pela prisão do ex-presidente Michel Temer, a preocupação foi agravada pelo conflito com presidente da Câmara, deputado Rodrigo Maia (DEM-RJ).

Atingiu o auge – ao menos até agora – com a primeira consequência efetiva do desentendimento. Analistas já avaliavam que havia “quadro de total desarticulação política”. Como o cenário externo também não tem sido favorável, e o governo não dá mostras reais de tentar resolver o impasse, a percepção se agravou.

No dia anterior, o mercado financeiro havia reagido mal à ausência anunciada do ministro da Economia, Paulo Guedes, na audiência da Comissão de Constituição e Justiça (CCJ), mas encerrou a sessão animado com a perspectiva de reação do Planalto. Não se esperava que, à noite, o governo sofresse grande derrota na Câmara, com a aprovação do chamado “orçamento impositivo”, que na prática amarra ainda mais a destinação dos recursos. É um recado sonoro a Bolsonaro e a Guedes, que ensaiou mandar para o Congresso um projeto liberando totalmente o orçamento de vinculações. O conflito está no ar.

O sonho da usina térmica de Rio Grande deve ser mesmo engavetado, ao menos sob a responsabilidade da Bolognesi. Ontem, o secretário de Infraestrutura, Artur Lemos, esteve na Aneel para pedir decisão rápida, que envolve o fim da concessão. A tendência é de que os contratos sejam atendidos por unidades já existentes no Nordeste.

– O que o Estado precisa é de definição. Ficar mais quatro anos nesta discussão é perder oportunidades. Não sendo viável, cabe a nós buscar investidores que queiram apresentar projeto sólido – disse Lemos.

NO DIA EM QUE JAIR BOLSONARO FOI ASSISTIR AO FILME “SUPERACÃO, O MILAGRE DA FÉ”, PELA MANHÃ, SEU VICE, HAMILTON MOURÃO, TEVE OUTRO PROGRAMA À NOITE. FOI RECEBIDO PARA JANTAR NA CASA DO PRESIDENTE DA FIESP, PAULO SKAF. ENTRE OS CONVIDADOS, PRESIDENTES DE BRADESCO, SUZANO, GERDAU E COTEMINAS. O PEDIDO: MAIS DIÁLOGO.

Medido pela FGV, o índice de confiança do consumidor brasileiro caiu para

91

pontos em março, ante o mês anterior. Com queda pouco comum de 5,1 pontos na virada de mês, ficou no mesmo nível de outubro de 2018, quando a definição eleitoral começara a melhorar o indicador.



ALÉM DA FACHADA

Ficou pronta a restauração da fachada do antigo Cine Teatro Presidente, no bairro Floresta, em Porto Alegre. O mosaico modernista da década de 1950 foi recuperado com minúcias – foram produzidas novas pastilhas para dar fidelidade ao desenho – pela incorporadora Wikihaus.

O teatro havia fechado em 1990 e o prédio, depois de abrigar uma igreja, estava abandonado. A empresa comprou o imóvel e aproveitou a história para apresentar o primeiro projeto de residencial compartilhado do sul do Brasil.

Áreas de lazer, espaços de trabalho e de descanso são integrados. A previsão é entregar as primeiras unidades aos moradores ainda neste ano. A Wikihaus também vai revitalizar o antigo Moinho Germani, no 4º Distrito.

RESPOSTAS CAPITAIS

MARCIANO TESTA

Presidente do Agibank

“NÃO HÁ A MÍNIMA CHANCE DE ENTRAR CAPITAL NO BRASIL SEM A REFORMA”

Ele começou a trabalhar aos oito anos, vendendo produtos de catálogo da Hermes, que dominava o mercado de venda direta. Tornou-se dono do banco Agibank. Marciano Testa nasceu em Fagundes Varela e abriu uma startup em 1999, quando não havia suporte a investimentos de risco. Primeiro no país a identificar uma conta corrente pelo número de celular do cliente, seu banco é também uma empresa que desenvolve tecnologias próprias. Para o próximo ano, planeja fazer um IPO (abrir capital) do Agibank, provavelmente em Nova York. Estuda se será na bolsa tradicional (Nyse) ou na de tecnologia (Nasdaq).

Como foi a história do menino de Fagundes Varela que criou um banco tecnológico?

Fagundes Varela, quando nasci, era distrito de Veranópolis. Comecei a trabalhar com oito anos. Família de seis irmãos, muito pobre. Virei um dos top ten dos vendedores da Catálogos Hermes, nem sei se existe. Vendia na cidade para poder ajudar a família. E outros subempregos. Até que me emancipei com 16 anos para abrir minha primeira empresa, um varejo, em Caxias do Sul. Derivou para um modelo de atacado de alimentos. Com 19 anos, já tinha caminhões e funcionários. Não deu certo. Tive que me reinventar. Trabalhei até de motoboy para pagar a faculdade e sobreviver. Ai lembro que vi um anúncio de distribuição de crédito para aposentados e funcionários públicos, que era um incipiente consignado. Vim para Porto Alegre para ver como funcionava. Eram financeiras. Sempre fui autodidata em tecnologia e fiz a programação de um site, onde anunciava estes produtos financeiros. Peguei representação de outros bancos. Agreguei canais de distribuição com agentes de crédito. Na época, era a Agiplan. Tornou-se a maior distribuidora de consignado no Brasil. Originávamos mais de R\$ 500 milhões por mês. Isso chamou a atenção do Bradesco. Em 2009, começamos a negociar e, em 2010, eles fizeram proposta. Eles pagaram pela exclusividade e passamos a ofertar apenas produtos do Bradesco. Recebemos até hoje por isso, o que deu capital para tentar uma fintech, que testava modelagens de crédito paralelas a esse negócio.

O que mudou quando a empresa se tornou um banco?

Foi o período mais duro do Brasil na questão regulatória. Logo após o Proer, quando houve consolidação do sistema financeiro. Foi o programa de salvamento de bancos. Tinha o processo inflacionário. Todos os bancos

viviam do overnight. Pegava o depósito, emprestava para o governo e vivia daquilo. Quando acabou a inflação, a taxa de juro caiu. Os bancos se viram sem emprestar dinheiro. Houve a necessidade de ir ao mercado emprestar dinheiro e isso muito poucos sabiam fazer. Então, houve uma quebradeira geral e veio essa consolidação. Com isso, suspenderam a autorização de novos bancos. Foi muito difícil ter a primeira licença, que foi de financeira, de 2009 para 2010. Hoje mudou completamente. O Banco Central está aberto, criou modalidades novas de fintechs, com licenças mais brandas. Não precisa ser um banco completo. Foi um momento difícil, mas via que os bancos iriam se tornar digitais. Em 2014, lia reportagem sobre a venda do WhatsApp para o Facebook. Tive um insight. Estudando a tecnologia do WhatsApp, que usa o telefone celular como meio de interconexão. O insight foi transformar o número de celular em uma conta corrente. Nossa conta digital funciona assim. Isso facilita a transferência entre pessoas e cresce de forma exponencial. Temos mais de 1,2 milhão de contas.

O IPO do banco sai? E aqui ou nos Estados Unidos?

No ano passado, rodei mais de 15 cidades ao redor do mundo. Falando do Agibank, do potencial do mercado brasileiro. A nossa plataforma teve uma demanda muito grande. Tínhamos como certo o IPO. O valor de mercado é algo que a gente não estabelece nada. Eles dizem se querem e a que preço. Então, há um high global de tech. Uma moda. Após maio foi desencadeado um processo global, principalmente aqui. Uma ressaca de techs. De junho, que era o mês de precificação, até o final do ano, teve uma desvalorização de techs de mais de 30%. Era um cenário terrível e, dentro de casa, pior ainda. Fica difícil uma oferta. São coisas que não se controla. Isso depois de um gran-

de trabalho de explicação do case, de que precisávamos do capital. Como não houve essa entrada de capital, estávamos revendo a estratégia. A bolsa chegou a 100 mil pontos, mas foi um movimento interno. O estrangeiro não está vindo. Estou participando de todas as conferências globais de bancos de investimento. Falo com investidores globais e não há a mínima chance de entrar capital no Brasil sem a reforma da Previdência. Esse é o gatilho para o país decolar de novo. É muito claro na cabeça do investidor que pode ter cenário favorável, ânimo, mas, para destravar de fato a vinda de capital de longo prazo, é a reforma.

Mas será retomada? E onde?

Essa corrida global demanda muito capital. Temos duas estratégias. O nosso negócio atual, como o Agibank está hoje, tem 610 pontos físicos no Brasil. Em todas as cidades acima de 100 mil habitantes do país. Ou a gente continua com esse negócio que o banco tem, e que dá um importante resultado e tem capacidade de investimento, mas que é limitada. Ou busca um cenário melhor de mercado, principalmente fora do Brasil. Estamos avaliando o IPO na Nasdaq ou na Nyse e buscar esse capital.

(Pergunta feita pelo publicitário Nenê Zimmerman)

Também sinto no empresário brasileiro medo. E uma não vontade de investir. Vê isso?

Há poucos dias, todos estavam mais otimistas. Semana passada, o economista-chefe da Verde Asset foi fazer um encontro para clientes nossos, investidores. Eu não via o Luis Stuhlberger (gestor do fundo Ver-

de) otimista com o Brasil nos últimos 10 anos. E o Verde, um dos maiores fundos do Brasil, está com 25% (do capital investido) em bolsa brasileira. Isso é um chancela. Mas falando com ele depois... Olha o que aconteceu nas últimas semanas. E a bagunça brasileira. Somos gatos escaldados. Por isso, até ver essa reforma aprovada, é um otimismo mais de cenário, de clima, mas é muito difícil. Estive em Brasília com a equipe econômica do Paulo Guedes. O que eles têm planejado para depois da Previdência é surpreendente. Mostraram quais são os próximos passos. Mas o estopim é a Previdência. O déficit é gigantesco, e não só da União. Se não passar a reforma, em três anos mais de 10 Estados estarão pagando salário com precatório. Inclusive o nosso. Não sei como vão pagar os aposentados.

Há custo extra por ter sede em Porto Alegre?

Há ônus e bônus. O banco tem 3,6 mil funcionários, dos quais 1,5 mil são no Rio Grande do Sul. Mas só 8% dos negócios são feitos aqui. Todo o resto fora, principalmente Sudeste. Mas 85% das nossas ações trabalhistas são aqui. Temos um Judiciário com viés. Há também as ações propostas aqui por órgãos de defesa etc. Querem ditar um modelo, uma ordem de como temos que operar nacionalmente. Aqui os sindicatos são muito fortes, como o dos bancários. As pessoas trabalham 11 meses e pagamos 15 salários. Mas também temos um celeiro de capital humano. Os três parques tecnológicos – Tecnosinos, Tecnopuc e UFRGS – são cases globais. Formam pessoas fantásticas.



(Pergunta feita pelo presidente-executivo do Grupo RBS, Claudio Toigo Filho).

Como ficam os bancos neste mundo que está tentando eliminar a intermediação?

O peer-to-peer (empréstimo sem participação de bancos) globalmente cresceu muito. Mas há dois aspectos: o Brasil tem questões normativas. Aqui, uma pessoa não pode emprestar dinheiro para outra acima da taxa de 1% ao mês. Tem a questão da lei de usura, que impossibilita isso. Quando olhamos os cases globais, você está transferindo risco daquela operação de crédito entre tomador e o aplicador para quem está emprestando. Tem de ficar bem evidente nessas plataformas o seguinte:

há uma série de pessoas demandando crédito e cada um tem um risco. Há possibilidade de ganhos diretos sem o banco, mas tem de assumir esse risco. Uma questão cultural que é uma barreira a ser superada é que as pessoas são acostumadas a transferir o risco para o banco. Que faz a análise para emprestar o dinheiro. Mas há outras transações que terão a desintermediação. Recentemente, a IBM lançou uma plataforma de blockchain, em que os bancos podem aderir, com uma moeda que ela chama de Stellar. Você pode fazer uma transação, mandar dólares ou euros para qualquer pessoas que esteja nos Estados Unidos, sem passar por um banco. Hoje isso é extremamente complexo e caro.

Testa disse que o Agibank obteve autorização recente para operar nos EUA e estuda fazer abertura de capital por lá

GARANTA MAIS ESPORTIVIDADE E POTÊNCIA. CONHEÇA OS NOVOS MODELOS DA LINHA BMW X.

APROVEITE AS NEGOCIAÇÕES E TAXAS FLEXÍVEIS DA IESA BMW.

Confira também as condições do BMW 320i Sport Plus. A partir de **R\$ 148.900,00.**

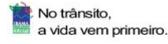


Puro Prazer de Dirigir



NOVO BMW X4

<p>IESA Porto Alegre Av. Sen. Tarso Dutra, 285 51 3025-3030</p>	<p>IESA Novo Hamburgo Rua Ignácio Treis, 505 (BR-116, Km 241) 51 3025-3030</p>	<p>IESA Caxias do Sul Av. Rubem Bento Alves, 7977 54 3039-5205</p>	<p>IESA Passo Fundo Plantão no Passo Fundo Shopping. Em breve na Av. Brasil Oeste, 3880.</p>
--------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------



iesabmw.com.br



Vamos juntos.